

chamou-me, entusiasmado: — «Imagine! Estou com uma marcha guerreira que é maior que a «Marselhesa»! Você tem que fazer a letra!» Onde?... E entramos na «Casa Levy», de pianos, ao lado da Confeitaria Vienense. E foi aí que, Marcelo sentado a um piano e repetindo, para mim, cinco, dez, vinte, cinquenta vezes, a melodia, compuz a letra. Conhece?... Ouça, então:

O PASSO DO SOLDADO

(Hino do 1.º Batalhão da Liga de Defesa Paulista)

I

Marca o passo, soldado! Não vês
Que esta terra foi de quem fez?
Que o teu passo é o compasso seguro
De um Presente, um Passado e um Futuro?

Refrão:

Marcha, Soldado Paulista,
Marca o teu passo na História!
Deixa na terra uma pista,
Deixa um rastilho de glória!

II

Vê, soldado, que grande que tu és!
Tua terra se atira a teus pés,
E estremece de orgulho, e ergue os braços:
Ergue braços de poeira a teus passos!

Refrão:

Marcha, Soldado Paulista, etc. etc.

Continuamos a inquirir:

— Houve algum dos seus poemas que tivesse sido escrito durante a luta?

— Sim: a «Moeda Paulista». Foi escrito nas trincheiras de Cunha, em Agosto, com o intuito de animar com ele, ainda mais o fogo sagrado da «Campanha do Oiro». A nós, soldados do «frent», chegava, com o pipocar das metralhadoras e dos FM, o tilintar das alianças de oiro nas bandejas do «Oiro Para o Bem de São Paulo». Compuz os versos e mandei-os ao querido e saudoso Alfredo Colombo, que mais tarde fazia cunhar aquela maravilha de miniatura que foram as medalhas com seis alianças contendo cada qual uma das estrofes do poema. Depois, pelos fins de setembro, foram os versos publicados no «Jornal das Trincheiras». Quer o original? Pois não!

MOEDA PAULISTA

Moeda Paulista, feita só de alianças,
Feita do anél com que Nosso Senhor
Uniu na terra duas esperanças:
Feita desse élo celestial do amor!

Quanto vale essa moeda? — Vale tudo!
Seu oiro eternizava um grande ideal:
E ela traduz o sacrifício mudo
Daquela eternidade de metal.

Ela, que vem das mãos dos que se amaram,
Vale esse instante, que não tinha fim,
Em que dois sonhos juntos se ajoelhavam
Quando a Felicidade disse «Sim».

Vale o que vale a união de duas vidas
Que riram e choraram a uma voz
E, simbolicamente desunidas,
Vão rolar desgraçadamente sós.

Vale a grande renúncia derradeira
Das mãos que acariciaram, maternais,
O menino que vai para a trincheira
E que talvez... talvez não volte mais...

Vale mais do que vale o oiro massiço:
Vale a glória de amar, sorrir, chorar,
Lutar, vencer, morrer... Vale tudo isso
Que moeda alguma poderá comprar!

Quizemos saber então, a «história» da composição dos versos da Bandeira das Treze Listas. Quando e como foi que...

— Eu acabava de voltar do exílio. Era um dia feriado: 2 de Novembro de 1933. Os jornais da manhã publicavam o texto de uma espécie de constituição getuliana. Comecei a lêr a lei pela qual nos batemos tão duramente, do fundo das trincheiras. Páro num dispositivo — se não me engano era o artigo 26 — que vedava aos Estados ter insignias próprias: braços-de-armas, bandeiras, hinos etc... Tive um movimento de ódio. Pensei: — «Ah! E' assim?! Pois temos a nossa bandeira e o nosso braço e tudo! E agora... vou fazer a letra para o hino do pavilhão paulista!» Fechei-me no meu «estúdio» da rua Pamplona. Era ao entardecer daquele dia de Finados. Não quiz jantar. Fui escrevendo. Pela madrugada, estavam prontos os versos. Conteí as estrofes: quatorze. Sacrifiquei uma, pensando que, se a nossa bandeira tinha treze listas, o seu poema deveria ter também treze quadras... Infantilidades de poeta... O quê? A estrofe sacrificada?... Já não me lembro como era. Esqueci completamente...

NOSSA BANDEIRA

Bandeira da minha terra,
bandeira das treze listas!
São treze lanças de guerra
Cercando o chão dos paulistas!

Préce alternada, responso
entre a côr branca e a côr preta:
vélas de Martim Afonso,
Sotaina do Padre Anchieta!

Bandeira de Bandeirantes,
branca e rôta de tal sorte
que entre os rasgões tremulantes
mostrou as sombras da morte.

Riscos negros sobre a prata:
são como o rastro sombrio
que na água deixava a chata
das Monções subindo o rio...

Página branca pautada
por Deus numa hora suprema
para que um dia uma espada
sobre ela escrevesse um poema:

o poema do nosso orgulho
— eu vibro quando me lembro! —
que vai de nove de Julho
a vinte e oito de Setembro!

Moeda da pátria guerreira
traçado pela Vitória:
cada lista é uma trincheira,
cada trincheira, uma glória!